

Cibercultur@:
entrevista¹ com o Professor Jorge A. Gonzalez²
Cibercultur@:
interview with Professor Jorge A. Gonzalez

Rita Maia³

DOI 10.26512/museologia.v10iEspecial.36393

339

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Resumo

O professor Jorge A. González trabalha desde 2004 no Centro de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências e Humanidades da Universidade Nacional Autônoma do México, onde coordenou, ao lado de Rolando García B., a área de pesquisa Epistemológica da Ciência e Sistemas de Informação e Comunicação até 2012. Trabalhou com pesquisa sobre cultura em contextos rurais no México, no período entre 1976 e 1981. Fundou a área de pesquisa Comunicação, Hegemonia e Culturas Subalternas da Universidade Autônoma Metropolitana - Campus Xochimilco, na Cidade do México, em 1980, e deu continuidade em 1985 ao Programa de Cultura da Universidade de Colima, também no México. Foi professor de Comunicação da UNESCO na Universidade Autônoma de Barcelona e ocupou a cadeira Tinker Professor na University of Texas em Austin. Escreveu sobre comunicação popular e religião, feiras urbanas, telenovelas, metodologia de pesquisa, histórias de família, sistemas de informação cultural, tecnologia e sociedade e comunidades emergentes de conhecimento, com ênfase especial no desenvolvimento metodológico. Agora estuda a dimensão simbólica da alimentação na América Latina como um sistema complexo. Algumas das suas obras foram traduzidas para o inglês, italiano, francês, catalão, galego, português e alemão.

Palavras-chave

Cibercultur@. Conhecimento. Comunicação. Patrimônio comunitário.

Abstract

Professor Jorge A. González has been working since 2004 at the Center for Interdisciplinary Research in Sciences and Humanities at the National Autonomous University of Mexico, where he coordinated, together with Rolando García B., the Epistemological research of Science area and Information and Communication Systems until 2012. Worked with research on culture in rural contexts in Mexico, between 1976 and 1981. Founded the Communication, Hegemony and Subaltern Cultures research area at the Universidad Autónoma Metropolitana - Campus Xochimilco, in Mexico City, in 1980, and continued in 1985 to the Culture Program at the University of Colima, also in Mexico. He was UNESCO Professor of Communication at the Autonomous University of Barcelona and held the Tinker Professor chair at the University of Texas at Austin. He has written on popular communication and religion, urban fairs, soap operas, research methodology, family stories, cultural information systems, technology and society, and emerging knowledge communities, with a special emphasis on methodological development. Now studying the symbolic dimension of food in Latin America as a complex system. Some of his works have been translated into English, Italian, French, Catalan, Galician, Portuguese, and German.

Keywords

Cybercultur@. Knowledge. Communication. Community heritage.

¹ Entrevista realizada em outubro de 2020.

² ORCID 0000-0001-7844-9260

³ Possui graduação em Museologia pela Universidade Federal da Bahia (1986), Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia (1996) e Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia (2003). É Professora Adjunto I da Universidade Federal da Bahia, atuando no Bacharelado e no Programa de Pós-Graduação em Museologia. com Pós-doutorado na Universidade de Aveiro, Portugal, no Departamento de cultura e Artes - Laboratório do CETAC - MEDIA. Tem experiência na área de Museologia, com ênfase em expografia e expologia, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação museológica, comunicação e cultura, relações imagem - identidade, cultura afro-baiana e uso das TIC em museus. ORCID 0000-0002-5777-3528

Figura 1- Jorge A. González, 06 de setembro de 2021
(Torreón, Coahuila, México)



Foto: Mónica Carles

O professor Jorge A. González trabalha desde 2004 no Centro de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências e Humanidades da Universidade Nacional Autónoma do México, onde coordenou, ao lado de Rolando Garcia B., a área de pesquisa Epistemologia da Ciência e Sistemas de Informação e Comunicação até 2012. Trabalhou com pesquisa sobre cultura em contextos rurais no México, no período entre 1976 e 1981. Fundou a área de pesquisa Comunicação, Hegemonia e Culturas Subalternas da Universidade Autónoma Metropolitana - Campus Xochimilco, na Cidade do México, em 1980, e deu continuidade em 1985 ao Programa de Cultura da Universidade de Colima, também no México. Foi professor de Comunicação da UNESCO na Universidade Autónoma de Barcelona e ocupou a cadeira *Tinker Professor* na University of Texas em Austin. Escreveu sobre comunicação popular e religião, feiras urbanas, telenovelas, metodologia de pesquisa, histórias de família, sistemas de informação cultural, tecnologia e sociedade e comunidades emergentes de conhecimento, com ênfase especial no desenvolvimento metodológico. Agora estuda a dimensão simbólica da alimentação na América Latina como um sistema complexo. Algumas das suas obras foram traduzidas para o inglês, italiano, francês, catalão, galego, português e alemão.

RITA MAIA (RM): *Você apresenta um conceito original de cibercultur@ que eu acredito nos conduzir a perceber o uso das tecnologias por uma outra perspectiva. Como ele foi desenvolvido?*

JORGE A. GONZALEZ (JAG): Sempre a história: eu comecei o meu trabalho de pesquisador muito cedo e questionando o conceito de cultura popular que segundo alguns, o pessoal das comunicações, os anglo saxões, era algo massivo, relacionado à mídias, a televisão. Para outros, com uma perspectiva de antiquários, a cultura popular estaria nos produtos de artesanato e, através dela, queriam preservar os valores mais antigos. Uma outra visão do popular era aquela criada com uma perspectiva que imaginava o povo como “revolucionário” a priori. Eu aprendi com meu professor italiano, o antropólogo Alberto Mario Cirese, um dos primeiros que, junto com Ernesto De Martino, colocaram o que eu acho ser uma evolução do conceito; agora nem populista, nem revolucionário nem antiquário. No livro “Metamorfoses da Folkcomunicação” tem um artigo meu intitulado o filão gramsciano na América Latina, o mesmo artigo aparece na edição portuguesa do livro “Sociologia das culturas subalternas” publicado pela Editora Appris de Curitiba, que saiu em julho de 2016/17. Enfim, Cirese é o primeiro dos italianos que leem Gramsci, e Gramsci abre uma rendição para mim da maior utilidade, porque constrói uma teoria da revolução na derrota. Ele perdeu! E ele fala da tal hegemonia, mas ele fala da hegemonia pensando: a gente perdeu! Perdemos! Eu estou no cárcere! Vou morrer! Então ele se pergunta: por que a classe trabalhadora não foi capaz de incorporar o seu discurso revolucionário às enormes massas de camponeses do Sul de Itália, cheios de religiosidade? E Cirese estudou sobre este assunto. Em 1954, quando são publicados os “Cadernos do Cárcere” pela primeira vez na Itália, ele foi um dos primeiros a estudar Gramsci, quando inicia sua carreira acadêmica como antropólogo. Então, familiarizado com estes estudos, pouco a pouco comecei a confrontar os argentinos e chilenos que emigrados de outros países para o México, sem compreender nada da cultura mexicana, da cultura camponesa e da cultura religiosa daquele povo, defendiam a revolução popular. Eu também debatia com meus professores gringos que viam a cultura popular como *mass culture*. Então, fiz a minha dissertação de Mestrado intitulada “Sociologia das Culturas Subalternas”, caminhando dentro da Serra, na mata, e tinha que caminhar oito horas da cidade ao povoado e ali tentava obter a prova empírica dos conceitos de “*desníveis internos da cultura*” de Cirese e o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu e às *lógicas de produção do valor* de Robert Fossaert, um francês muito bom e pouco conhecido no Brasil, que tem um livro intitulado “A sociedade: uma teoria geral”. São oito tomos, o segundo tomo, intitulado “as estruturas econômicas”, foi publicado no Brasil pela Editora Zahar. Então, no meu trabalho eu queria identificar como se construía a hegemonia, não nas cidades, mas em lugares mais afastados da “civilização” e meu trabalho foi considerado bom, pelos avaliadores: intelectuais como Guillermo Bonfil, Gilberto Giménez e meu professor me parabenizavam, mas eu continuava achando que não tinha realizado a minha proposta. Então, fiz um programa de dez anos de trabalho em diferentes objetos: religiosidade popular mexicana em santuários; festas, celebrações e comemorações; e finalmente o melodrama televisivo no México. O mais complexo foi último. Para fazer isso, em 1982, eu construí o conceito de *frentes culturais*, já em contato com o texto “as estruturas econômicas”, o tomo 2 de Robert Fossaert. Depois comecei a fazer um trabalho intitulado “Exvotos y retablitos: comunicación y religión popular en México”. Estudei também a feira de Colima, uma feira comercial, agrícola e ganhadeira de uma cidade pequena muito interessante. Nesta época eu trabalhei o conceito de popular em várias vertentes. Depois dessa época, fui trabalhar na Universidade de Colima, onde atuei até os anos 2000 e onde foi formada uma equipe muito boa

Cibercultur@:

entrevista com o Professor Jorge A. Gonzalez

composta apenas de mulheres, todas elas pesquisadoras reconhecidas, produzindo um jornal acadêmico. Quando estava tudo bem consolidado, fui para Barcelona para atuar em uma cátedra da Unesco sobre comunicação. Depois voltei a cidade do México onde eu nasci, cresci, estudei e aqui trabalho agora.

Pouco antes de sair da Colima, em 1998 o governo mexicano enfrentava um grave problema com os professores das escolas primárias, secundária e elementar do país. Era um governo direita, com perfil empresarial e o sistema educativo tinha equipado as escolas com as tecnologias mais avançadas, mas os professores se recusavam utilizar. Então fomos chamados para entender o porquê disto e demoramos quase oito meses vivendo uma pesquisa de escuta dos professores. Não falamos nada para eles, apenas escutamos. A gente fez a etnografia e daí encontramos os resultados que eu comuniquei diretamente ao Ministro da Educação e seu grupo de assessores. Falei: o caminho que vocês estão seguindo não está certo, não vai dar certo porque vocês não conhecem e não respeitam nada da história, da trajetória e da cultura dos professores e querem, ao mesmo tempo, que os professores acreditem que o aparelho, o computador vale mais do que eles. Quando eu mostrei os resultados em frente aos pesquisadores, ainda não tinha elaborado os conceitos para nomear o que a gente tinha encontrado na forma de estudo empírico. Dali eu fui embora para Barcelona e já de volta ao México fundei o LabCOMplex, que é um laboratório de comunicação complexa, onde propus o conceito de cibercultur@. Nós usamos a expressão latina e espanhola *Ciber* e não *Cyber* (do inglês) que tem relação, em uma forma mais profunda, com a capacidade de orientar uma navegação. O *kybernetes* é um timoneiro. “Ciber” (em sua etimologia de raiz grega) é um timoneiro, ou uma timoneira, uma pessoa que é capaz, ou um coletivo que é capaz de ser autodeterminante, autodeterminada, que sabe o que quer e para onde quer ir e como chegar lá. É uma descrição simples, mas as vezes não é tão simples. Quem decide onde é que a nave vai? Quem leva o Timão! Então, a palavra cibercultur@ tem três partes: primeiro o prefixo *ciber*, que não quer dizer controle, quer dizer capacidade de ter autodeterminação, onde quer a gente vá; e não está relacionado à aparato tecnológico. A segunda parte está na palavra *cultur* do latim e vem do grego *Kultur* que quer dizer cultivar, fazer operações para que a terra dê algum fruto. Se você não faz operação a terra vai começar a enfraquecer. Você vê na capa do meu livro o termo cibercultura com a arroba o que implica em conhecimento e transformação que não é igual a cibercultura que aparece em outros textos. A terceira parte está na arroba. No livro “Entre cultura(s) e cibercultur@(s). Incursões e outras rotas não lineares (Universidade Metodista de SP, 2012 eu coloco uma coletânea de vários textos de todo meu trabalho, desde as frentes culturais onde início os estudos até o desenvolvimento da cibercultur@. Também no artigo “Technophilias and Technophobias vis-à-vis Research & Development of Cybercultur@”, você pode ver que *ciber não quer dizer computador*, mas a capacidade de autodeterminação, de empoderar-se e poder aprender a desenvolver o que se pode cultivar. Isso quer dizer que, para nós, não interessa apenas saber aonde que a gente vai, mas também ter a capacidade de autodeterminação cognitiva com a qual é possível se desenvolver. Por isso é tão importante a perspectiva da epistemologia genética de Piaget porque esta é a primeira e mais forte teoria científica empírica positiva dos processos de conhecimento da espécie humana.

RM- *E a arroba? O que quer dizer?*

JAG- Várias vezes no Brasil, no México e na Espanha os editores de livros e artigos não gostavam e pediam para eu tirar a arroba e eu dizia: “é um conceito, isso tem que ir junto com o artigo. Se você cancela a arroba eu retiro o artigo do livro!”. Foi uma tomada de posição! A ideia e a teoria que estão por trás das Comunidades Emergentes de Conhecimento tem a ver com o produto direto da ação de *cibercultur@*, de desenvolvimento de *cibercultur@*, e a arroba do final é central, e por isso eu briguei com o editor para que a arroba ficasse. E expliquei. *ciber* é a capacidade de autodeterminação, e cultura a capacidade de desenvolvimento, de cultivar, de cultivo; capacidade de empoderar-se. E a arroba é bem mais importante, porque representa o conhecimento. Ele só acontece quando você rompe o círculo vicioso de sempre ter as mesmas coisas, sempre a mesma comida, sempre a mesma rotina, sempre a mesma exploração e conhece atuando e cria um movimento helicoidal, semelhante ao símbolo da arroba que, para mim, representa graficamente em duas dimensões um helicóide. Tudo isto está descrito neste livro. Onde coloco os estudos empíricos e teóricos das culturas contemporâneas, para a categoria de frentes culturais, e passo de frentes culturais à *cibercultur@*. Isso aconteceu quando no ano 2000 (faz 20 anos) eu comecei uma rede, composta também por estudantes e professores, em todo país, depois ampliando para a América Latina. Comecei a pleitear o desenvolvimento de *cibercultur@* com arroba a partir de 2002. Esta arroba era o signo menos utilizado nas antigas máquinas de escrever e, para mim, representa um movimento em duas dimensões, um *bucle* [ciclo] ou um *positive feedback loop*. Isso aprendi maravilhosamente num seminário em Manaus, onde não estava com um pessoal de comunicação e de ciências sociais, mas só com cientistas da parte dura. Estávamos fazendo um seminário sobre sistemas complexos e, de repente, eu cheguei a um limite no meu portunhol sem saber como traduziria do espanhol a expressão *bucle de retroalimentación positiva*. Eu não sabia como dizer em português, como expressar este conceito. Então recorri ao inglês: *positive feedback loop*. Ah, perfeito! (entendido). Mas eu falei: “Me desculpem colegas eu queria saber como se fala isso em português”. Ah legal: “loop de feedback positivo”⁴. A arroba representa um processo que não é fechado em si, mas se abre. Com isso, é possível perceber a eficiência deste signo, porque o signo evoca essa inteligência, ele serve para sinalizar que as pessoas são capazes de resolver problemas que a gente antes não sabia como resolver. A nossa ideia é a de que você pode avançar e sair de um ciclo que é fechado, que tem um *loop de feedback* negativo. Esta é a história da arroba.

RM- *Quando esse conceito surgiu?*

JAG- Saindo de Colima, eu já conhecia alguma coisa das raízes profundas da cultura mexicana e tinha uma boa experiência com colegas nos estudos empíricos desses processos. Voltando ao México depois de Barcelona fundei o LabCOMplex e a nossa inspiração adveio de um trecho retirado das Teses sobre Feuerbach: “os filósofos”, - e aí colocamos- os comunicadores, sociólogos e antropólogos – “são dedicados a interpretar de vários modos a realidade. O que importa é transformá-la”. Então, a máxima, o ditado das Teses sobre Feuerbach é a orientação principal do conceito de *cibercultur@*. E a gente quer **conhe-**

4 (ciclo de retroalimentação positiva seria uma boa tradução)

Cibercultur@:
entrevista com o Professor Jorge A. Gonzalez

cer com as pessoas para assim, colaborar na transformação. Por isso estamos muito próximos e interconectados com Paulo Freire e a pesquisa-ação que advogam o **conhecer para** a transformação. Além disso, o conceito de Piaget, da sua epistemologia genética, é totalmente baseado na **ação de conhecimento**. Conhecer é atuar. E se você não conhece bem, se não distingue bem, a sua ação sobre o mundo não é boa, é falha. Por isso é que essa ideia foi uma evolução necessária das Frentes Culturais (como se constrói a hegemonia) para a análise dos processos de transformação da vida e que está direcionada para a ação direta a partir do conhecimento dos problemas.

RM- *Que tipo de ação direta? Você poderia dar exemplos?*

JAG- Neste caso, não estamos falando apenas de valores abstratos, mas de fatos concretos. Se uma intervenção na facilitação de um processo de cibercultur@ funciona, é boa, se constrói uma coisa que eu chamei uma Comunidade Emergente de Conhecimento. Neste caso, o que emerge não é só o conhecimento, o que emerge é a *comunidade*, porque em muitas culturas a única forma de sobrevivência foi criar comunidades. Não é uma comunidade simplesmente, mas uma comunidade de inteligência coletiva. Uma inteligência que não está distorcida pelas medições quantitativas do QI. Se você aplica uma dessas provas-teste a uma dona de casa na comunidade quilombola pode obter resultados muito negativos. Ela não conhece os números, não sabe matemática profunda. No entanto, é uma senhora que com cinco ou seis ingredientes faz uma comida maravilhosa para muita gente e para tanto é preciso inteligência. É essa a inteligência da qual estou falando. A ideia da cibercultur@ é desenvolver a capacidade de autodeterminação para resolver problemas concretos ativando processos de inteligência coletiva. Uma inteligência capaz de solucionar problemas concretos; e por isso é uma verdadeira expressão do conhecimento. A arroba expressa este conhecimento.

RM- *Você poderia oferecer exemplos exitosos de comunidades de conhecimento emergente?*

JAG- Primeiro, exemplos exitosos: toda a concepção a cibercultur@ parte de uma constatação. No México, desde os últimos 40 anos, a cada 10 anos se faz um censo nacional. Apenas neste governo atual, pela primeira vez na história do México, está aberta a possibilidade de que as comunidades e as pessoas afrodescendentes se identifiquem e falem que são afrodescendentes. Isto porque tem um movimento muito interessante também de afirmação da terceira raiz cultural mexicana, de um povo que vem do povo índio, negro e espanhol.

No desenvolvimento da Cibercultur@ a gente não vai dizer: “é vocês têm que se organizar!” Não! Se eles não nos chamam a gente vai não. Então, ao sermos chamados, é porque existe uma necessidade de emprestarmos a ajuda do poder simbólico da Universidade e o que fazemos é conversar, agradecemos a chamada e iniciamos oficinas desse movimento de Cibercultur@.

Nestas oficinas perguntamos quais são os problemas que a gente da população sofre mais, fazemos uma facilitação para a conversa, uma objetivação e reconhecimento dos problemas onde participam muitas pessoas. Uma modificação assim não é observável com uma enquete, com um levantamento, nem com uma etnografia, e sim, fazendo história oral, historiografia. A gente tem onze anos trabalhando no meio do Deserto Central do México, e esse Deserto não

tem nada a ver com deserto, é uma região do semiárido que tem muita vida, mas uma vida com pouca água. Nós começamos através do chamado de três pequenas organizações e de um professor que fez um pós-doutorado conosco e que trabalha lá. Começamos a trabalhar na Zona Mineira de Prata que parece estar no meio do nada, um deserto total. Da minha casa para lá conduzindo um carro são seis horas sem parar. Neste lugar trabalhamos em povoados muito antigos de Mina da Colônia onde atualmente foram concessionadas explorações aos canadenses e ao capital internacional que tiram tudo de lá, extraem e não deixam nada além de pobreza. Então tínhamos os mineiros, as donas de casa, os jovens e alguma coisa emergente, mas não era uma coisa homogênea. Neste caso, o primeiro passo é escutar para conversar, facilitar a conversa entre eles, para que a comunidade nascente possa definir e classificar seus problemas.

As categorias para estudar e desenvolver Ciberkultur@ passam pelas seguintes questões analíticas: qual é a sua cultura informação? Qual é a sua cultura de comunicação? Qual é a sua cultura e conhecimento? A cultura sempre está no meio, temos que ver previamente quais são os instrumentos; quais são os sistemas em termos de ferramentas que eles têm; o sistema de informação. Na segunda fase, verificamos qual o nível de cultura de comunicação, de informação, e conhecimento e trabalhamos isso para identificar e conhecer os limites de sua ecologia de informação, ecologia da comunicação e ecologia de conhecimento. Escolhi a palavra “ecologia” porque é impossível pensar a ecologia sem pensar em processos, em transformações no tempo com múltiplos elementos. Disto, o que a gente busca é facilitar a emergência de comunidades. Há mais ou menos onze anos pudemos observar a formação de uma Comunidade Emergente de Conhecimento local chamada “A Outra Mina de Charcas”. É interessantíssimo porque existe uma participação muito plural. São pastores de cabras, donas de casa, trabalhadoras camponesas (que faziam queijo de cabra de uma qualidade magnífica), mineiros, esposas de mineiros e estudantes de vestibular. Era muito plural, não era “unitário. Neste contexto o nosso primeiro trabalho era escutar e aprender quais eram seus problemas. E como se define um problema de uma situação concreta, particular, específica? Identificando-o como se fosse um acontecimento, nós identificamos com testemunhos, com números, e buscamos saber o que a gente ainda não conhece. Se já sabemos o que não está dando certo, então a pesquisa agora se volta para aprender a construir elementos para definir muito melhor o problema, interagindo com ele e a partir daí atuar. Estou escrevendo agora sobre estes dez anos de história e percebo que esta mudança não ocorre como um botão de liga/desliga. Elas são mudanças sociais, e ocorrem pouco a pouco.

Além disso, nem falei que esta zona estava totalmente controlada pelos narcotraficantes, os mais sanguinários de todos, Los Zetas. Os fundadores desse grupo foram treinados em Israel para fazer parte do Exército de Elite do governo do presidente Salinas e, posteriormente, desertaram e formaram um grupo sanguinário que dominava todo esse território, não porque produzem droga, mas porque está uma zona está perto do Golfo do México e de várias partes muito interessantes como uma zona estratégica de transporte. Então, o pessoal estava farto, estava cansado, ameaçado, mas como iríamos confrontar os narcos? Durante dez anos seguidos, a gente (minha esposa e os colegas), entrou nas linhas dos narcotraficantes. Eles sabiam claramente que a gente estava lá e não faziam nada. Trabalhamos lá por dez anos.

Nesta ocasião a gente fez um colóquio através da internet entre esta comunidade e o pessoal do semiárido da Paraíba, do Sindicato de Trabalhadores

Cibercultur@:

entrevista com o Professor Jorge A. Gonzalez

Agrícolas da Borborema, de uma região perto do Cerrado, porque as condições da água são muito similares. E os brasileiros tinham a história maravilhosa do pedreiro alagoano que construiu piscinas por quarenta anos para o pessoal de rico de São Paulo e transferiu esta tecnologia das placas das piscinas para a criação de cisternas e agora existem dezenas de cisternas em todo o semiárido. Isso nos deu uma nova solução para a região mais seca, e foi interessantíssimo.

O fato é que isto mostra a possibilidade de uma nova e diferente cultura de comunicação. A comunicação entendida como capacidade de organização e de coordenação de ações, em um esquema diferente.

Para entender e fazer a cibercultur@ e sua relação com os conceitos de informação, comunicação e conhecimento a gente tem que dar um passinho para trás, como no tango, como uma dança, assim como o forró. A gente tem que dar passinhos para trás. Isto porque as definições normais, conhecidas, difundidas e sacralizadas de informação, comunicação e conhecimento não se aplicam de modo simplista a esta perspectiva. Não que elas sejam sempre falsas, mas quando se dá esse passinho para trás, aquelas pessoas que parecem mais “ignorantes” te entendem perfeitamente. Porque eles usam, sabem e trabalham com estes conceitos na prática.

Estas experiências que estou apenas descrevendo são muito interessantes. Estas mudanças não acontecem no dia para o outro, de um ano para o outro e por que eu considero que isto é exitoso? Pela primeira vez, em uns cinco ou seis anos depois disso, frente a um grave problema socioambiental se formou um coletivo de coletivos, autônomo, sem ter nada que ver conosco.

Uma comunidade de Charcas foi consultada por uma outra comunidade porque uma mineradora queria fazer uma exploração de ouro em céu aberto e ameaçava acabar com a água local. Nos chamaram para irmos para lá também, e foi muito interessante.

O combate contra os narcos não foi direto. Foi criando e recriando cultura, caminhando pelas ruas. É uma luta de longa duração. Este trabalho não é de curta duração.

RM- *E como poderiam ser intermediados os conflitos de poder dentro das próprias comunidades?*

JAG- Isto é um problema característico das condições de organização, de importância do outro, em uma ordem social neoliberal, onde você é importante de acordo com as suas “competências” e tem que vencer o outro é muito individualizante. Nosso interesse não é identificar conflitos. O centro da inteligência da arropa é para *escutar permanentemente* e estar atento para não cometer erros. É como no futebol brasileiro. É ter o jogo de cintura. O que fazemos sempre é gerar mais informações sobre o problema. Desenvolvemos algumas técnicas e processos de oficina práticas. A gente vai se apropriando das técnicas destas oficinas para produzir informações sobre os problemas.

Charcas é uma a comunidade de mais de 11 mil habitantes que foi fundada em 1567, no século XVI, mas a partir da criação da Mina tudo gira em seu entorno. Essa comunidade de Charcas tem séculos ali sem que eles demandassem muita coisa.

Quando os narcotraficantes chegaram no território em 2008, a vida coletiva, a vida convivial de estar na praça, foi ocupada por um pessoal que não é dali, é de outros estados, de outras partes, são violentos, têm garotinhas como escravas sexuais e tomaram um hotel durante três anos onde moravam intermitentemente. Isso foi o problema que a gente encontrou.

Então, o facilitador tinha que lidar com isso, e era um processo que é longo e não é fácil. Foi um aprendizado muito lento para a construção de várias redes.

Como gerir os conflitos?

Se estou participando de um processo escutando. Se aí no seu quarteirão você conversa um pouquinho com os vizinhos de modo a pensar nos problemas, e a informar sobre os problemas e se organizam para falar deles, os conflitos vão aparecer, mas igualmente haverá convergências em torno dos problemas.

A mina de Charcas tem quatro séculos extraindo valor, minerais. Mas “A outra mina de Charcas” é outra coisa, porque o produto dessa *outra mina* é o conhecimento, e o conhecimento fica ali e serve para fazer coisas objetivas na perspectiva da própria comunidade.

Frente aos narcos, as estratégias dividiram em duas. Os jovens, os mais novos, começaram a fazer um processo de reapropriação das ruas, fazendo a cada domingo uma caminhada e parando em várias partes para contar a história dos rincões, pracinhas, parques e iam caminhando... caminhando alegremente por onde pessoal já não caminhava mais a partir da relativa narco-ocupação da cidade. Também atuaram com eventos e festas. Era lindíssimo. O pessoal mais idoso da comunidade da Outra Mina de Charcas gosta muito de box e aconteceu que o campeão do mundo o filipino Manny Pacquiao ia lutar contra o Mexicano Juan Manuel Márquez no campeonato mundial, mas para assistir à partida teriam que pagar muito dinheiro. Então, os adultos se organizaram para “roubar” o sinal e no templo, a igreja, uma das mais antigas igrejas barrocas do norte do país, usaram o muro barroco como um Janelão e ofereceram a partida de graça a toda população. A gente tinha meses sem pisar na praça central. Uns levaram várias cadeiras, o outro emprestou uma máquina de fazer pipoca, o outro de café. Foi tudo de graça e foi incrível. A isso você chama de preencher o espaço social de esperança com práticas e assim, os males vão embora como acontece no caso de Heliópolis, ao sul de São Paulo. Em Heliópolis tem droga? Tem! Tem violência? Tem, mas está relativamente isolada pela própria organização social!

RM- *Qual a melhor forma de atuar do cientista social no mundo contemporâneo. Como é que o cientista social pode se situar nesse universo de tantas modificações?*

JAG- Eu não seria capaz de falar do cientista social, eu falo do meu compromisso. Não sei dizer, não posso dizer, porque existe um grande leque para cientista social. Infelizmente, na área da comunicação, temos muitos estudos empíricos e não temos muita teoria. E é muito fraca essa teoria. E pior ainda, alguns colegas latino-americanas colocam (para minha surpresa) o estudo das Frentes Culturais na linha dos estudos da “recepção”. As leituras são muito fracas, não são completas e não temos crítica. No texto “A vontade de tecer”, fala sobre isso. É possível fazer muita coisa, mas temos que deixar o “brilho” e a fama de lado. Eu não quero fama. Eu não vou concorrer com ninguém, não quero mais convites e publicações prestigiosas. Eu quero ajudar o mundo que é muito diverso. Eu quero distância dessas coisas. Então, meu sonho é cuidar de facilitar os processos de criação de redes de Comunidades Emergentes de Conhecimento. Por isso eu fui um ano ao Brasil, porque as comunidades do semiárido mexicano onde eu trabalho são muito parecidas climaticamente com as condições do semiárido do Nordeste. Então, estive no Piauí, não em Teresina, mas em São Francisco de Assis do Piauí, e em Picos. Fizemos um percurso grande pelo sertão mais que seco, em outubro, pelo Dia das Crianças. Olha, quando eu falei em São Paulo, com grandes colegas, que eu ia ao Piauí, eles disseram: o quê? Que vai fazer no

Cibercultur@:

entrevista com o Professor Jorge A. Gonzalez

Piauí? Piauí era a melhor revista cultural do Brasil. Ninguém parecia conhecer ou ter interesse no Piauí-território, e então começaram a zoar. Depois eu fui para as partes semiáridas da Borborema, na Paraíba, perto de Campina Grande, ao sul de João Pessoa e conhecemos e convivemos muito com comunidades super organizadas, porque enfrentam vários problemas reais.

Eu cheguei lá para aprender e não só para pesquisar, porque lá tudo já está feito ou em processo. E isto para mim foi maravilhoso.

O título do artigo com este relato é *Agroecología y antropomía en movimientos sociales de Brasil*: “si los demás están bien, yo estoy mejor”. A Cicilia Krohling-Peruzzo e mais duas colegas, eu e a Monica, a minha mulher, fomos para o Brasil para aprender. Levantamos a história oral de vidas, de famílias, agora estamos preparando um livro sobre esta experiência no Brasil. Há algumas partes que enfrentam problemas parecidos como o pessoal do semiárido do Piauí e da Paraíba. A gente fez Histórias de Vida com estas pessoas e com o testemunho de uma senhora chamada Maria que têm uma história de vida incrível, uma história brutal. Eu trabalhei com a professora Krohling-Peruzzo em vários projetos: um deles é dar conta da experiência do “Paraíba”, em Heliópolis, em Borborema no Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Borborema, e na COPAVI, Cooperativa de Produção Agropecuária de Vitória, uma cooperativa a muito interessante do MST, a cooperativa mais avançada do MST, perto de Foz do Iguaçu e do Paraguai. Para mim, eles já tinham feito o trabalho de cibercultur@ com a própria missão auto organizada, criando informação, gerando conhecimento, aproveitando, mudando sua forma de organização. Por isso observamos as três, tão distantes. É fascinante as histórias de como Heliópolis começou a sacudir a designação “Favela” que a mídia, a Globo e os jornais utilizavam. Eles diziam: “Já não somos mais favela, somos Cidade Educadora”. Eles conseguiram afastar do núcleo de Heliópolis a droga e a violência, não lutando com balas, mas se organizando e enchendo Heliópolis de cultura e vida própria. A mesma coisa aconteceu na COPAVI, com um público menor de trinta famílias, produtores agroecológicos e de leite, além da cana do açúcar que produz mascavo e cachaça camponesa de primeira qualidade exportada para a Europa. Na organização dos agricultores familiares de Borborema eram mais de 240.000 organizados e você jamais vai ler uma única nota ou escutar nas grandes redes como a Globo. E esta é uma forma de desconhecimento induzido. Por isso, também, a surpresa que a gente teve quando, morando no Brasil, estudando lá, constatamos (segundo nossas ideias) o “nível” de desenvolvimento de cibercultur@ que tinham conseguido em Borborema, na COPAVI e em Heliópolis em São Paulo perto da estação de metrô Sacomã. São milhares de quilômetros de distância. E sabe que coisas eles tinham em comum? As comunidades eclesiais de base da teologia da libertação, o trabalho alfabetizador de Paulo Freire. Eles nem estão conectados, mas um Brasil muito distinto do que está sendo discutido na mídia, está se cozinhando em muitas partes. Sim, com muitos problemas. Claro! Mas eu acho que o que eu vi e as vitórias que têm conseguido são muito importantes para o presente e o futuro do Brasil.

O meu objetivo é ser um profissional da escuta, porque se a gente escuta, a gente se transforma. Escutar uma boa música, uma música alegre que pega no coração. Escutar quando você dança com alguém. Eu danço, e não é possível dançar sem se adaptar ao corpo da outra pessoa. Então, o meu objetivo é ser um profissional da escuta, apesar de falar tantas horas... Esta é a divisa básica das Comunidades Emergentes de Conhecimento Local. Têm-se que praticar a escuta e até escutar com os olhos, com os ouvidos e com o corpo todo. Tudo

o que acontece, então, é gerar informação, que só existe enquanto há sentido, senão é ruído, barulho. Quando o barulho ou dados fazem sentido, eles se tornam informações.

Eu agora trabalho na UNAM - Universidade Nacional Autônoma do México que tem mais de 400 mil estudantes e junto à USP de São Paulo, é uma das pouquíssimas universidades sul-americanas no ranking mundial de universidades. Particpei num grande projeto nacional multidisciplinar da UNAM onde participam químicos, biólogos moleculares, filósofos, antropólogos, médicos etc. Este projeto chamava-se “Especies tradicionais subvalorizadas e subutilizadas”. Era um projeto sobre ervas que chamamos de quelites na língua nahuatl, uma língua mexicana originária. Estes quelites denominam as partes mais tenras, os brotos e as flores das plantas. Comemos um monte disso. Eu perguntei ao cientista envolvido: o nome do projeto é Espécies Tradicionais Subvalorizadas e Subutilizadas? Ele falou: “sim”. Eu disse: “e são quelites, não é?” Ele: “sim!” Eu: “por quem? Por quem é subutilizada? Eles as valorizam! Talvez não nós na UNAM, mas a gente do deserto, quando há a seca, sobrevive dos quelites e sabem perfeitamente onde estão, quando nascem, como utilizá-los. Provavelmente não conhecem o código de barras e sua constituição molecular, mas sabem para que servem e como e quando usá-las”. Hoje há um livrinho sobre esse assunto⁵.

RM- *Como comunicar valores neste mundo contemporâneo tão diverso e com tantas e rápidas mudanças?*

J.A.G- Esta pergunta não é fácil de responder, porque para mim, pelo menos, dentro de uma tradição epistemológica piagetiana, o significado dos valores sempre depende de o que a gente faz com as coisas, dependem de uma prática. Os valores, por serem simbólicos, dependem da perspectiva, do contexto, ou seja, o que para mim significa uma coisa, para outros poderia ser outra. Este aspecto é muito importante na tradição piagetiana - que não tem necessariamente nada a ver com “pedagogia” para meninos ou com “educação ativa”. Esta perspectiva descreve o processo de construção do conhecimento e deste aspecto é que brotam ramos de estudos que vão, por exemplo, para a Pedagogia. O projeto do Piaget era fazer uma ciência positiva dos processos de conhecimento da espécie humana. Para ele, as coisas significam segundo o que a gente pode fazer com elas. Isto enfatiza uma dimensão material. Recolocando a pergunta: como comunicar valores no mundo contemporâneo? Ela evoca uma discordância que tenho com grandes teóricos da comunicação porque eles acreditam que é possível ter a comunicação de valores apenas com a organização de objetos por semelhança e com desenvolvimento de técnicas e estratégias para isso, mas esquecem que se as pessoas não forem capazes de fazer coisas concretas com esta organização dos objetos, práticas concretas com eles, os valores vão embora, não se fixam. Isto é coincidente com a concepção da ideologia. A ideologia de uma época, de um país ou continente, da sociedade, desaparece quando não se faz corpo.

Por isso as culturas afrodescendentes permanecem, tanto aqui quanto lá na África, porque que nelas há uma relação intensa com o corpo, a cultura está colocada no corpo.

Como comunicar os valores nesse mundo? Desenvolvendo práticas! O problema da violência aqui no México com os cartéis das drogas é muito forte,

⁵ Este livro pode ser encontrado em: <https://www.jornada.com.mx/2017/11/18/imagenes/delcampo122.pdf>

Cibercultur@:

entrevista com o Professor Jorge A. Gonzalez

mas isto é porque os EUA são uma máquina de consumir drogas. Então o que fazer? O que aconteceu com os valores da cultura mexicana de quarenta anos atrás que era muito mais amistosa? Uma cultura de solidariedade e partilha? Reforçando: os valores não são incorporados como ideias e sim como práticas. Se a gente quiser fazer com que estes valores retornem, devemos desenvolver práticas com eles, por exemplo: cozinhar! Cozinhar pode ser também um ato político, revolucionário. Diante desta enorme pressão por produtos ultra processados que têm conservantes ou pelo fast food, ou junk food (comida rápida - comida lixo) que você consome em minutos, está um cozinhar tem a ver com o tempo, com o biotempo das mulheres, dos homens também. É importante aprender as práticas dos valores de solidariedade, porque se você está bem e está na minha comunidade, eu estou melhor ainda. Este é o nosso poder: pensar/fazer. (...) Isto porque valores não são comunicáveis como se fossem ideias, mas como atos incorporados. Quando oferecemos a um menino que está sempre abrindo um jogo ou está no celular a procurar seja lá o que for, uma oportunidade de utilizar a sua inteligência, suas mãos, seus sentidos para agir para outro, para cozinhar para os outros, estamos aí facilitando a possível criação de Comunidades Emergentes de Conhecimento de saúde e de alimentação. Sob a perspectiva piagetiana, a mente está distribuída nos objetos, mas só quando somos capazes de fazer coisas com eles. Temos hoje um celular e no outro dia era uma caneta. Todos são objetos de minha inteligência, a minha mente está distribuída neles. A minha ideia é a de que se faça incorporações diversas desses objetos, que podem acontecer através da música, da diversão, ou de experiências e sentidos mais amplos.

RM- *Como um círculo virtuoso composto de informação, comunicação, conhecimento poderia acontecer nos museus?*

J.A.G- Tenho um artigo escaneado do Professor Alberto Cirese sobre museus que se chama “As operações museográficas como a metalinguagem”. É um texto pequenininho. Para Cirese o museu é um meio de comunicação. O museu não pode se reduzir ao mostrar. Ele tem que narrar. Tem que contar uma história e se não conta uma história, tudo nele se torna ruído. Esta história deve ter relação com as pessoas, com a gente que o visita, mas a história normal que é vista no museu é uma história acima de todos. “Isso aqui é a cultura...”, “nós é que sabemos...”, “você é um ignorante que veio...”, etc. É muito difícil não produzir ruídos de comunicação em lugares fechados e com vigilância. A norma das visitas aos museus e a museologia tradicional convidam visitantes para asolear las muelas⁶. O público deve pensar: “isso não diz nada para mim”. “Não consigo nenhuma informação”. “Eu não tenho nenhuma forma de colocar a minha experiência naquilo que estou vendo”. “Só sei que isso é muito importante e eu sou um ignorante”. É a mesma condição dos professores dos quais falei frente aos computadores do governo.

Tem uma história muito interessante: quando a gente chegou a Charcas pela primeira vez, vimos um prédio de um andar com forma geométrica, entrando a uns 600 metros da cidadezinha. Perguntei as pessoas o que era aquilo e eles responderam: “É o museu do meteorito”. Ali tinha duas contradições: a primeira é não era um museu, porque o Exército e a Marinha ocuparam o edifício como quartel para lutar contra os narcos; a segunda é que não havia meteorito!

6 Pode ser traduzido como “expor os molares ao sol”.

Com tudo isso, o Museu Nacional da História do México é um castelo que foi construído no centro da cidade e ali estão uns objetos dos quais nós não sabemos nada, não se tem nada e a gente vai lá para achar legal que ele era tão loiro, branco de olhos azuis, nobre e nada mais...

Assim podemos dizer que os museus têm que nascer ou ser reapropriados pelas comunidades. Quem vai decidir se há sentido? Se não faz sentido, não se pode conservar. Você conhece esta frase, não? Os povos somente podem conservar o que amam e só amam o que conhecem. Se não conhecem, não amam, não conservam e, por fim, descartam.

Um museu, como um instrumento de comunicação, pode ser uma ferramenta maravilhosa. Se tomado por diferentes Comunidades Emergentes de Conhecimento, levando em conta o seu grau de conhecimento ancestral.

O museu oferece a capacidade de narrar. Se você narra uma história, se conta uma história por uma perspectiva como por exemplo da China da época de Mao Tsé-Tung onde peças, vestidos ou objetos, um grande vaso, estavam expostas para narrar ao povão “ali trabalharam tantos e tantos milhões de explorados”. É um conceito totalmente diferente do admirar! Quando eu falo asolear as muelas (Eu não conseguiria dizer isso em português) [...] digo que deveria existir também uma espécie de “protetor solar cultural” para colocar esse sol nos molares. A tríade informação, comunidade e conhecimento são palavras fundamentais a serem consideradas nos em museus. Talvez uma intervenção na linguagem museográfica que seja o resultado de uma articulação, do processo de interdefinibilidade desejável entre a instituição, os curadores e o público possa ser um caminho possível para produzir alguma coisa neste sentido.

Então, se os museus só se dedicam a colocar a informação e de forma que as pessoas possam reconhecer que: “Ah, esta é a espada do Rei Pedro” ou: “este é o livro que seu filho fez” ... as pessoas entram ali só para se admirar, asolear las muelas: “Oh isso é uma obra de arte!”, “A espada do Rei!”. Admiram coisas que não têm nada que ver com o seu entorno e não significam nada, a não ser lembrar-lhes de que eles são menos que aquilo, que não pertencem a esse mundo. E, portanto, o que lhes resta, a única ação possível, é admirar e admirar. E quando você planeja fazer um museu comunitário, deveria fazê-lo a partir do ponto de vista de assumir estas três dimensões: a informação, a comunicação e o conhecimento. Então, se o conhecimento se dá nessa capacidade para atuar sobre o mundo, e não a informação. Isto é revolucionário, porque rompe os esquemas [mentais].

RM- *Você tem afirmado que a posse de dispositivos tecnológicos como computadores ou smartphones não melhoraria a educação, mas apenas criaria clientes para as grandes corporações. Você poderia falar um pouco sobre esta perspectiva?*

J.A.G- Tenho criticado e dito muitas vezes que existe uma relação tridimensional que se estabelece entre as tecnologias de informação e comunicação (as “TIC”) e o conhecimento, sem recorrer aos estudos sobre o conhecimento para compreendê-las melhor. E isso não acontece só nos estudos da Comunicação. Acontece também nas outras disciplinas, como a Sociologia. Usam uma alusão que chamo jornalística das chamadas “TIC”.

Eu defendo que informação, comunicação e conhecimento não são os únicos, mas são três dos mais importantes eixos da dimensão simbólica da vida social.

Cibercultur@:

entrevista com o Professor Jorge A. Gonzalez

Minha proposta é incluir a parte invisibilizada das tecnologias da informação e comunicação que é a parte direta do conhecimento. Eu sustento que na perspectiva da epistemologia genética de Piaget e Rolando García há uma relação de interdefinibilidade entre estes três eixos.

Para alcançar, fazer, transformar e entender as nossas próprias ecologias simbólicas, - a forma como se exerce esta dimensão significativa simbólica do mundo, - devemos entendê-las sempre, e obrigatoriamente, como componentes de um processo. Elas são o resultado de uma série de transformações. As tendências de tomar as “TIC” sem o conhecimento pelo olhar corrente das ciências da comunicação é um olhar mutilado, que gera uma ação mutilante...

E isso é uma constante dos estudos da sociedade. As definições que estabelecemos do mundo social tem um efeito prático, real em suas consequências. Se a teoria é incompleta, cortada das relações de interdefinibilidade entre as três, isso faz que a visão que tenhamos seja reduzida e conseqüentemente minha ação sobre a realidade será, muito provavelmente, mutilante. Esta interdefinibilidade é uma constante na vida humana. Existem muitos exemplos desta vocação, - vou chamar de vocação - por apressadamente definir o estudo desta relação tão interessante, tão importante e tão mal estudada que é a relação através da qual a nossa espécie humana gera informação, entre objetos e signos mediante códigos. Por exemplo: se eu digo mão, mano, hand e, depois digo contramão, todo mundo entende exatamente que eu estou falando do contrário do primeiro, e isso em toda a sociedade. Isto é a noção de informação como algo que eu posso compartilhar e não a perco. Se tomo água e tenho aqui um litro de água, então haverá menos água para você. Se eu te dou a água, ela se acaba, mas enquanto compartilho a informação, ela não se acaba, eu não a perco. Deste modo, para trabalhar esta tríade, estes três processos, estas três formas de cultura, o que necessito é dar um passo para tras da definição regular de informação, da definição “normal” de comunicação e da definição “normal” de conhecimento. Não uso a definição de informação somente como redução de incerteza, como se usa. Eu a utilizo (a informação) mais como nossa capacidade para estabelecer relações entre objetos e signos, nossa capacidade de estabelecer quadros de correspondências a serem trabalhadas. É disto que poderemos criar bases de dados, é disto que podem ser feitos os sistemas de informação. Uma mulher analfabeta, ignorante e sem estudos pode perfeitamente manejar sistemas muito complexos de informação enquanto sabe receitas e o que tem que fazer sobre cozinhar para dez pessoas. Isto é algo que não se pode separar do conhecimento. Para mim o conhecimento é ação. Conhecemos atuando sobre o mundo. Não conhecemos aqui [aponta para a cabeça]. E comunicação aí, não é entendida como a maioria das pessoas compreendem, mas é entendida como uma capacidade que temos para coordenar as ações, quer dizer, organizarmo-nos.

Então, se temos a informação, temos um nível de complexidade particular. A comunicação, que é a forma ou capacidade de organização para algo mais completo, também tem uma complexidade particular. Mas o nosso objetivo não é estarmos mais informados, ou organizados, e sim organizados para transformar o mundo mediante a ação. Toda tecnologia da informação e comunicação, sob esta perspectiva, é uma tecnologia de conhecimento. As tecnologias são dispositivos muito poderosos e eles fazem ou afetam a forma em que nos organizamos e afetam a forma pelas quais estabelecemos relações entre objetos e códigos. Por esta razão, tornam-se, muitas vezes, tecnologias do desconhecimento. E desconhecimento quer dizer ignorância, tecnologias de deslocamento e isolamento “não sei onde estou” e tecnologias do pior, de dessensibilização.

Existe uma autora, muito boa, que é bom que conheçam, se chama Riane Eisler que além de historiadora e exploradora, é geóloga e economista e recentemente lançou um livro intitulado “La verdadera riqueza de las naciones: creando una economía del cuidado” seu texto é muito interessante apresenta um mapa econômico composto de seis partes. Para ela, o valor da economia mundial se mede, em toda a teoria econômica, pela política econômica que é orientada pelo Banco Mundial levando em conta três tipos de valor: o valor produzido pelo poder de mercado, o valor que produzem os estados e o valor que gera a economia criminal (prostituição, tráfico de pessoas, drogas). Riane Eisler afirma que este mapa teórico está mutilado, e lhe faltam três componentes que não são levados em conta. E não os considerar nas políticas aplicadas, tornam estas políticas mutilantes.

Ela relata que ocorrem injustiças porque não se toma em conta, o valor que se gera de setores do cuidado (care) e, especialmente das mães que cuidam dos filhos e que os alimentam, dão banho e penteiam os procuram e nutrem. Isso tem um grande valor econômico. Ela afirma que este é um valor humano. E se algum valor é não-humano, é anti-humano. Este é um tipo de valor que se gera nas organizações não-lucrativas e em muitas organizações de base que fazem comidas para oferecerem nas ruas. Elas ajudam a todo o mundo. Também há o valor que se gera na natureza, no cuidado com a natureza, o do cuidado dos outros coletivamente e o cuidado dos lugares são também elementos pelos quais se deve medir a economia mundial.

O padrão que está em exercício é uma representação mutilada porque a economia também tem estes outros três: elementos: a economia do cuidado, as organizações não lucrativas, as do cuidado da natureza que não trabalham por dinheiro, mas produzem valores cruciais para a vida social e individual. Como levam em consideração apenas as que são voltadas para a ganância do valor econômico do dinheiro, estas três se sacrificam. Se sacrifica a natureza, se estigmatizam as mulheres, se estigmatizam as comunidades indígenas, por exemplo, e as quilombolas. Este é um exemplo que coloco posto que é muito parecido conceitualmente quando trabalhamos a tríade tecnologia, informação e comunicação, e não colocam aí o conhecimento.

Os dispositivos digitais são muito sedutores, muito atraentes e são projetados para consumir seu biotempo. Quanto tempo eu passo voltado para ele? Vejo como a gente está permanentemente vendo uma serie, ouvindo música, “texting”... Eles são atratores que dragam a atenção e consomem nosso tempo de vida. Eu não sou um tecnofóbico, não sou tecnofílico, isto porque creio que todas as tecnologias, se decidimos organizá-las em coletivos que chamamos Comunidades Emergentes de Conhecimento, dariam resultados bem mais positivos.

RM- *Como você chegou ao termo “Comunidade Emergentes de Conhecimento”?*

J.A.G- É muito mais difundida ideia das comunidades de “aprendizagem” do que ideais de Comunidades Emergentes de Conhecimento. E são coisas diferentes. No livro “Entre cultura(s) e cibercultur@(s) incursões, publicado em 2012, comento que no conceito de Comunidade Emergente de Conhecimento o que emerge é a comunidade. Uma vez que ela emerge o conhecimento pode ser gerado coletivamente e para mim a diferença entre aprendizagem e conhecimento é que a aprendizagem implica em agregar informação, e não capacidade para a ação. Não falo aqui de economia, mas de existência, pois estou falando

Cibercultur@:

entrevista com o Professor Jorge A. Gonzalez

de conhecimento. Daquilo que contribuo e faz com que você viva melhor. Com que você se sinta poderoso. Como exemplo, podemos falar de grupos de pessoas que se unem para apoiar causas, a exemplo do combate ao racismo. Neste processo se criaria uma comunidade em torno de uma ideia, de um ideal e, com seu corpo, presença e contribuição para uma proposta.

Continuando, o “emergente” qualifica a comunidade e não ao conhecimento. Isto porque há uma ordem social patriarcal, colonialista, racista, que opera na vida cotidiana e que nos isola. No capitalismo quanto mais isolado ou sozinho você está, é melhor para manutenção das relações de dominação, porque não há capacidade de reação contra as políticas. Um exemplo disto está na forma como é aceita, acriticamente por muitos governos e muitos investigadores, a ideia de “globalização”. Há muitos artigos que começam dizendo: “neste mundo globalizado...” mas a globalização não é natural, a globalização é uma política, é uma estratégia política em nível mundial para colonizar, para explorar, para separar, para isolar. Nesta ordem, se eu quiser saber alguma coisa do deserto do México, sobre onde eu trabalho, tenho que ir aos Estados Unidos, a Austin, capital do Texas, porque lá está a melhor biblioteca do mundo sobre América Latina. Se eu quero estudar algo da Guatemala, do Panamá, da Colômbia e vou a Colômbia, vai ser difícil que encontre alguma coisa, mas se eu vou aos Estados Unidos, nessa biblioteca, eu vou encontrar.

Apesar de termos muitíssimas coisas diferentes na América Latina e o Caribe, a língua portuguesa, espanhola ou inglesa há muitas coisas que a história nos trouxe em comum, muitas coisas, algumas diferentes com muitas diferenças, mas há muitas coisas em comum. Então como nós poderíamos construir uma rede, ser solidários, construir uma comunidade, se não compartilhamos nada? Quando tivermos um problema diante de nós e enfrentarmos juntos este problema. Isso mostra que quanto menos isolados estamos e menos individualizados, menos vão nos fazer de presas fáceis do capitalismo, ou da exploração capitalista brutal. Se emerge uma comunidade, essa pequena comunidade constrói seus próprios sistemas de informação, mesmos que não sejam para a universidade, mesmo que não sejam para a ciência, eles constroem, a seu modo, a informação e se organizam em uma corrente de significados interdefinidos que, perfeitamente unida, consegue gerar conhecimento daquilo que sabem fazer, em direção a um horizonte utópico.